

## Miguel Torga: Uma criatura de esperança

MARIA DA CONCEIÇÃO VAZ SERRA PONTES CABRITA  
Universidad de Extremadura

Apelidar o autor, Miguel Torga, de «uma criatura de esperança», designação que aliás ele próprio utiliza<sup>1</sup>, parece-nos a que melhor o define como homem que, apesar da existência agónica marcada pelo desespero, por uma certa obsessão da morte ou pela relatividade do Homem face ao Absoluto, nunca perdeu a confiança na natureza, no Homem e na sociedade como forças regeneradoras perante a adversidade.

O desespero existencial está sempre presente na sua obra na perspectiva dialéctica com a esperança, numa luta constante de contrários roçando, por vezes, a ambiguidade de uma personalidade. A esperança como inverso do desespero ou como o começo do desespero que se ignora perante a desilusão e o desencanto, «Costumava dizer que era um homem de esperança desesperançado» (Torga 1981: 95), surge em Miguel Torga como um voto, um apelo de alguém que sempre teve esperança no Homem como ser autêntico, nos mais profundos recônditos da sua essência, apesar da vitória final da angústia.

O certo é que tudo se conjugou para que eu chegasse ao fim da existência nesta desolação humana. E o mais trágico é que fui sempre uma criatura de esperança. Confiei na natureza, confiei na sociedade, confiei nos amigos. (Torga 1977: 186)

Com este trabalho, pretendemos abordar na perspectiva dos valores humanos, que têm sido alvo de inúmeras reflexões neste ainda incipiente século XXI, três obras do autor, designadamente: O conto “Vicente” da colectânea *Bichos*, de 1940 (*cf.* Torga 1970), *Diário*, Vol. XII (*cf.* Torga 1977) e *O Sexto Dia da Criação do Mundo*, Vol. V, (*cf.* Torga 1981), porque nos parecem representativas do escritor pelo carácter autobiográfico das duas últimas, que quase se completam e reforçam e que nos dão uma

---

<sup>1</sup> V. Torga (1977: 186).

visão de certos aspectos temáticos da sua obra, nomeadamente: O «sentimento telúrico», o «desespero humanista» ou «discurso sociológico» e «problemática religiosa»<sup>2</sup> embora esta nos pareça melhor ilustrada, talvez de uma forma mais explícita, no conto “Vicente” pois constitui, no nosso ponto de vista, o elemento determinante do humanismo torguiano e do seu processo de «criação».

O homem de Torga começa por rejeitar o poder divino sobre a sua natureza, em busca da liberdade cerceada pelo destino, tentando depois libertar-se do poder social sobre a sua consciência.

Pensamos assim, que os aspectos temáticos da obra torguiana não poderão ser analisados separadamente pois formam no seu conjunto a sua especificidade e a linha orientadora da sua existência tal como ele afirma, numa nota do seu *Diário*, em Coimbra, a 14 de Maio de 1977:

Nenhuma parte de mim esteve em qualquer momento dissociada do resto. Fui sempre todo doente, todo agónico, todo inocente, todo sensual, todo humilde, todo violento, todo sincero, todo pecador, todo poeta. O caixão que me levar, leva dentro uma vida humana maciça. (Torga 1977: 66).

### Nota Biográfica

Adolfo Correia da Rocha nasceu em 1907, em S. Martinho de Anta, na província de Trás-os-Montes. Filho de gente humilde, teve uma infância dura recebendo se seu Pai a inflexibilidade de carácter e de sua Mãe a sensibilidade. Durante toda a sua vida, não se desligou das suas origens, da família, do meio rural e da natureza circundante. Os seus Pais, o professor primário, o Sr. Botelho, estão sempre presentes assim como as serras, as fragas, a pobreza da terra, a dificuldade em se tirar dela o sustento ou, os monumentos megalíticos da região (v. Lisboa 1980: 70).

Em 1918, ingressou no Seminário de Lamego mas sai pouco depois. Rebelde por natureza, não aguentou ali a disciplina e quis a liberdade da vida. Ao fim de dois anos, emigrou para o Brasil onde trabalhou na exploração agrícola de um tio, que percebendo as suas capacidades lhe custeava os estudos não só no Brasil como também em Portugal, para onde regressou em 1925. Frequentou a Universidade de Coimbra licenciando-se em Medicina em 1933. Começou por exercer na sua terra natal, indo depois para Leiria

---

<sup>2</sup> Divisão temática de aspectos da obra do escritor, comumente aceite e referida por vários autores. Como exemplo: Cfr. Magalhães Gonçalves (1995: *passim*); Lourenço (1974: *passim*).

mas, por causa das tipografias e livrarias, estabeleceu-se definitivamente em Coimbra (*ibidem*).

Coimbra como não podia deixar de ser. Era ela, quer eu quisesse quer não, a minha Agarez alfabetada, o húmus pavimentado que os meus pés pisavam com mais amor. (Torga 1981: 41)

Entre Dezembro de 1939 e Fevereiro de 1940 esteve preso, por oposição ao regime de então, nas cadeias de Leiria e Aljube em Lisboa (v. Lisboa 1980: 71).

Viajante incansável por todo o país e estrangeiro visita a China e a Índia, já próximo dos oitenta anos. Os monumentos nacionais encantam-no. Os Jerónimos, a Batalha e Alcobaça têm para ele o sentido da alma da Nação. Os monumentos paleolíticos fascinam-no (*ibidem*).

Homem dialéctico e de algumas ambiguidades, tinha como destino a Arte. A sua terra era, para ele, como uma planta: Sítio de deitar raízes<sup>3</sup>. «Quem o quisesse conhecer teria de o ler»<sup>4</sup>.

Escritor solitário, taciturno e pouco acessível, desejou trilhar um caminho que o afastou dos convívios literários, ao ponto de haver dificuldade em enquadrar a sua obra na História da Literatura Portuguesa (cfr. Mourão-Ferreira 1979: 97). Detestava «álbuns e publicidade» (*ibidem*) e fugiu sempre o mais que pôde à exposição mundana embora se tenha exposto na sua escrita. «Torga afirmava que a sua obra era a sua biografia»<sup>5</sup> porque para ele o que era realmente importante «era o legado da criação, os livros, essa obra sobre a qual escreveu que seria o travesseiro onde um dia pudesse repousar»<sup>6</sup>. Admirador de Picasso, Siqueiros, Orozco e Portinari, curvava-se perante Euclides da Cunha e Machado de Assis. Gostava de música, particularmente de Bach contudo, o que verdadeiramente o seduzia era calcorrear os montes do seu Douro transmontano e os pauis dos campos do Mondego à caça de perdizes e narcejas. Venerava Dostoiéwski, Proust, Cervantes, Unamuno e Melville. Gostava dos deuses pagãos, a quem cantou nas suas *Odes* mas não contava com eles para o dia da morte, que «temia como uma noite sem madrugada»<sup>7</sup>.

Miguel Torga publicou ao longo de cerca de sessenta e cinco anos e praticamente em edições do autor mais de meia centena de livros nos géneros mais variados. De entre as suas obras de poesia salientam-se: *Ansiedade*, 1928, *Rampa*, 1930, os volumes *O Outro*

<sup>3</sup> «Miguel Torga por ele próprio», in *JL*, p. 20.

<sup>4</sup> António Arnaut, «As antigas e as novas edições», in *JL*, p. 20.

<sup>5</sup> Clara Crabbé Rocha, «A Obra é a sua biografia», in *JL*, p. 18.

<sup>6</sup> *Ibidem*.

<sup>7</sup> «Miguel Torga por ele próprio», in *JL*, p. 20.

*Livro de Job*, 1936, *Lamentação*, 1934, *Nihil Sibi*, 1948, *Cântico do Homem*, 1950, *Orpheu Rebelde*, 1958 e *Poemas Ibéricos*, 1965. Como contista destacam-se a coletânea *Bichos*, 1940, *Contos da Montanha*, 1944 e *Pedras Lavradas*, 1951, enquanto que a novela *O Senhor Ventura*, 1943, e o romance *Vindima*, 1945, assim como os cinco volumes autobiográficos de *A Criação do Mundo*, 1937, 1938, 1939, 1974 e 1981, apresentam linhas de orientação diferentes na sua prosa desligada do efêmero e agarrada ao concreto. Nas suas peças de teatro manifestam-se características idênticas nomeadamente em *Mar* e *Terra Firme* ambas de 1941. O seu volume *Portugal*, 1950, constitui para todas as regiões do País um guia de orientação no qual, juntamente com as notas paisagísticas estão presentes a crítica social e a visão histórico-política do autor. Por fim, os dezasseis volumes do seu *Diário*, com textos em prosa e em verso que apresentam reflexões culturais, passagens da vida quotidiana, tomadas de posição no campo ideológico, análise da alma e paisagem portuguesas, notas das suas viagens tudo isto intercalado com poemas que transfiguram essa realidade.

Traduzido em vários idiomas, laureado com prémios internacionais (Prémio Montaigne, Prémio da Literatura Écureuil) e nacionais (Prémio Camões e Vida Literária), chegou a ser candidato ao Prémio Nobel da Literatura.

Miguel Torga faleceu a dezassete de Janeiro de 1995.

### Contextualização

Passados nove anos sobre a I Grande Guerra nascia em França, representada pela *Nouvelle Revue Française*, uma literatura que, se por um lado tinha como mestres Lautréamont, Rimbaud ou Mallarmé e com eles os padrões do movimento simbolista, por outro, era influenciada pela filosofia intuicionista de Bergson ou por Freud e as suas interpretações do inconsciente, procurava novos meios de expressão (v. Nunes 1982: 17). Estes tinham em consideração o homem não só no domínio social, como o Naturalismo, mas também o homem nas suas dimensões racional e instintiva. A Arte e a Literatura passam então a ser encaradas como a expressão do humano (*ibidem*).

Em Março de 1927 começou a publicar-se em Coimbra a revista *Presença*. Nela é publicado o artigo de José Régio “Literatura Viva” que integra a revista no mundo literário português:

Em Arte é vivo tudo o que é original. É original tudo o que provém da parte mais virgem, mais verdadeira e mais íntima de

uma personalidade artística. A primeira condição de uma obra viva é pois ter uma personalidade e obedecer-lhe». <sup>8</sup>

José Régio constatou na maioria dos artistas portugueses, uma mentalidade e uma sensibilidade insuficientes apontando dois vícios que, de acordo com a sua opinião, inferiorizavam grande parte da Literatura Portuguesa Contemporânea: A falta de originalidade e a falta de sinceridade (v. Guimarães 1969: 11-12).

Em 1930, dá-se contudo a primeira cisão no Grupo Presencista. Por carta dirigida a José Régio e a João Gaspar Simões, Adolfo Rocha, Edmundo de Bettencourt e Branquinho da Fonseca afastam-se da revista alegando «a perspectiva dum tipo único de liberdade, a queda próxima no arcaísmo estático das escolas, o ambiente mole do ar viciado pelas insofismáveis flores – consideração de adepto para adepto» (Nunes 1982: 20). É ainda neste ano que Miguel Torga funda com Branquinho da Fonseca a revista *Sinal* e mais tarde, a revista *Manifesto* e se dá a sua aproximação ao Neo-Realismo ao qual se oporia numa fase posterior (v. Lisboa 1980: 70).

Por volta de 1936, em clara consonância com a agitação de valores impulsionada pela Guerra Civil de Espanha e, com a intensificação de uma cultura «nacional» que era necessário combater, surgiram novas dissidências por concepções estéticas diferentes, entre elas, a Arte posta ao serviço de um ideal social e político (v. Nunes 1982: 21). Assim, em 1940, a *Presença*, em face da impossibilidade da unidade doutrinária que a tinha criado, vê-se obrigada a terminar a sua missão (*ibidem*).

Todavia, por muito que Miguel Torga fizesse ou quisesse, nunca se poderá isolar do movimento presencista, que marca o Segundo Modernismo português, por quanto este propunha a transposição imaginativa da análise introspectiva, os valores da sinceridade vindos da parte mais profunda e inocente do ser, do acto gratuito germinado no consciente, da recriação individual do mundo, da personalidade original.

Podemos considerar a «Presença» a geração mais literariamente consciente de todas as gerações literárias portuguesas, para quem a Literatura é forma de vida e não uma de entre as possíveis, mas a forma superior de vida. A Literatura surge assim, como mitologia da situação humana (v. Lourenço 1974: 85). Todos, desde José Régio, Casais Monteiro, Branquinho da Fonseca, Gaspar Simões e mesmo Torga foram autores e críticos. A Literatura ou a Arte em geral era a grande e única forma de existência humana superior ou mesmo intelectual (*ibidem*: 86).

---

<sup>8</sup> José Régio, «Literatura Viva», in *Presença*, rosto da revista.

Diferenças de temperamento pessoal e literário separaram os presencistas. Torga crê mais na Literatura do que na sua literatura, ou na sua, na medida em que a sente próxima da essência daquela (*ibidem*: 90). O seu *Diário* está cheio de notas de desalento e impotência literária que testemunham sobre uma consciência inquieta e muitas vezes desesperada, a presença inegável e todavia ambígua, da sua obra face ao seu autor. Miguel Torga exprime, antes de tudo, o seu mundo, a sua esperança, o seu desespero ou a sua revolta (*ibidem*: 100). A sua obra é expressão de um humanismo reivindicador, duro, fustigando as misérias humanas e o empobrecimento da vida de que o homem é culpado, exaltando a terra, numa profunda consciência dos laços do homem com a natureza que o sustenta e defende contra outros malefícios e inseguranças que o envolvem num mundo de isolamento e egoísmo fechado (Lisboa 1980: 71-73). Como reverso da franqueza agreste, caminho certo para a incompreensão e isolamento forçado, motivo de fundo ressentimento e amargura, há a sede de fraternidade (v. Prado Coelho 1976: 272).

O sonho, a aventura, o mito, a ilusão, Deus são outros pontos de inspiração que surgem como contraponto e cujo elo de ligação é a ânsia ou culto da liberdade sem a qual a vida é só aparência de vida. Ao deplorar os males dos outros ou ao revelar-se pela palavra estética, a angústia e a esperança lutam constantemente: Angústia pela ausência de Absoluto, de Deus, pelas mortes em vida, pela morte final e a esperança, como resposta raivosa da vida, faz-nos vislumbrar um mundo novo (v. Prado Coelho 1976: 273).

Foi da urze ou torga, planta tenaz pela luta pela vida nos pobres solos transmontanos, que Adolfo Rocha veio a recolher parte do seu pseudónimo literário, denunciando a vinculação do artista à raiz telúrica original, sendo Miguel, uma homenagem a Cervantes e Unamuno (v. Rocha 1977: 248). No livro *A Terceira Voz*, 1934, o autor deixa o seu nome civil, que usara nas primeiras obras, para passar a utilizar o seu pseudónimo construindo a partir daí uma imagem de autor que será posteriormente o seu verdadeiro rosto.

### Considerações gerais

Miguel Torga, homem persistente e de espírito crítico pela fidelidade a si mesmo e ao seu código de valores, considerava-se tímido, desconsolado e ressabiado pelas adversidades, não conseguindo lutar fora dos campos cívico e literário (v. Torga 1981: 14). Considerando-se um homem civilizado (v. Torga 1977: 38), consciente do papel social do homem e das suas relações interpessoais levadas a cabo no grande palco que é a sociedade,

apela ao sentido de dignidade determinado pela nossa vontade determinadora da integridade. O seu valor inalienável de liberdade será o único capaz de o fazer ultrapassar todos os limites (v. Torga 1981: 35). Para o autor o instinto é mais forte do que a razão pois, aquele que é autêntico, sincero, surge das profundezas do ser

o homem instintivo é mais forte em mim do que o homem mental. Penso com os sentidos, escrevo com o sexo, disparo com os nervos. (Torga 1977: 49).

Considerando-se descendente da humanidade, na sua pureza, um representante da autenticidade do espírito do homem (v. Torga 1981: 69), amigo fiel e respeitador do próximo, confiante no poder de recuperação face à adversidade, tem uma enorme fé na esperança, que é para ele, a essência da vida.

Admirava seus Pais pelos seus valores e princípios, pela solidariedade e humanidade para com o semelhante. Seu pai, tinha sobre ele um enorme ascendente pelo exemplo de dignidade, integridade e pela força com que sempre soubera enfrentar as vicissitudes da vida. O seu Pai é levado ao valor do mito (*ibidem*: 27). Era o seu grande apoio. A sua morte provocou-lhe uma sensação de vazio e insegurança (*ibidem*, 144).

Torga era um homem fiel à idade. Todas as idades têm o seu encanto e beleza, residindo a nobreza da existência humana, nessa fidelidade. Todavia, não aceitava a velhice, não só por significar a extinção próxima da vida, como também ser sinónimo de decadência. Tudo o que o rodeava, parecia-lhe igualmente velho e gasto, dando lugar ao banal e ao comum proporcionando apenas a reflexão e não a «recriação» sinónimo, para o autor, de juventude (v. Torga 1977: 43).

O destino surge, para Torga, como algo forte e invencível, que verga a vontade humana e que actua através das circunstâncias da vida transformando projectos em actos. O destino vencedor provoca-lhe um sentido de luta acérrima para vencer a apatia pois, se o destino determina, para quê contrariá-lo? (v. Torga 1981: 127). Sendo assim, nada vale a pena. Por si só a vida não tem sentido, talvez pela sua fugacidade ou, pela indomável vontade do destino. No entanto, à luz da relatividade humana, a vida é algo que nós próprios construímos. É o reflexo das nossas qualidades e defeitos pois

tem o sentido que lhe damos. Tem a nossa riqueza, o nosso entusiasmo, o nosso orgulho... Ou a nossa covardia. (*ibidem*, 46)

O poder do destino comanda a vida. As forças das circunstâncias nunca lhe deram paz, provocando-lhe angústia e

insatisfação em tudo o que realizava. A angústia, essa «íntima percepção da radical incomunicabilidade» (*ibidem*, 67) com o que o cerca, com o homem e com o Absoluto, leva-o à escrita. Esta estava acima de tudo. Escrevia para o momento, para a sua hora presente, era a sua preocupação. «Escrever é um acto ontológico» (*ibidem*: 150) imanente ao ser, era o seu espaço de liberdade, a única forma de comunicação verdadeiramente autêntica pois brotava do fundo do seu ser, do espírito lugar de «criação», do sonho, da imaginação. Um reduto inexpugnável (*ibidem*: 118). Talvez até uma forma de tentar transfigurar essa «radical incomunicabilidade» que é a angústia, num rasgo de esperança. Como artista renega a solidão (v. Torga 1977: 80). Apresenta-se como um autor inseguro na sua ânsia de perfeição. Não só interioriza a crítica negativa como também tinha necessidade de pôr à prova o interesse dos leitores. No fundo não valorizava a sua escrita. Não obstante, reconhece a sua dimensão de escritor e poeta no campo artístico ao considerar a arte e o tempo. Este tem para ele a dimensão do eterno, da constância, alheio às vicissitudes, inexorável (v. Torga 1981: 71-72). A Arte é o que no tempo faz perdurar a particularidade do momento (*ibidem*: 77) transfigurado pelo artista ou pelo poeta que será um rebelde (v. Torga 1977: 197) na sua relatividade perante a eternidade do tempo.

A morte para Torga é uma obsessão, um mistério, um absurdo perante a vida,

«mas tudo diante da morte era insólito. A própria vida. (Torga 1981: 93)

A morte do Avô, quando ele era criança, foi uma imagem que o impressionou de tal forma que determinou a escolha profissional da sua vida, como forma de a combater. Proporcionou-lhe

uma visão pessimista do mundo que sempre tivera, e que a aparência voluntariosa disfarçava. Costumava dizer que era um homem de esperança desesperançado. (*ibidem*: 95).

A morte não lhe metia medo, no entanto tinha pavor da incapacidade provocada pela velhice que o impedia de usufruir dos seus prazeres da vida: Escrever, amar e caçar (*ibidem*: 184). O contacto com o sofrimento humano aguçou-lhe o sentido da relatividade humana. A doença era encarada como uma forma de prepotência cruel e absurda (*ibidem*: 105).

Alguns aspectos que consideramos também importantes na sua obra são a dicotomia entre a cidade e o campo, entre a pureza e a corrupção, entre a massificação, a alucinação cidadina (v. Torga 1977: 173) e a coerência campesina (v. Torga 1981: 61-62) assim

como o seu imenso amor a Portugal, ao espírito Lusíada. Portugal, o país que percorreu de lés a lés, para melhor o entender e descrever, dava-lhe conforto ao espírito e, o sentido de alteridade tornava-o mais confiante dando-lhe coerência interior. Enaltece a coragem e abnegação portuguesas sentido saudade da nossa grandeza na era das Descobertas embora pense que nós não sabemos estar à altura desse Passado pois temos tendência a rejeitá-lo ao olharmos para ele à luz distorcida da realidade vendo nele apenas a nossa decadência.

Portugal é também para Torga o seu espaço de liberdade. É sobre ele que escreve, é o seu elemento «o meu espaço de liberdade é o mapa de Portugal subentendido na folha de papel onde escrevo» (Torga 1977: 74). Por vezes também é alvo das suas críticas e do seu desalento pois, considera-o a Pátria mais bela e também a mais infeliz pela incompreensão dos seus naturais:

Um Portugal com oito séculos de existência e que ainda não encontrou a sua identidade nacional, que tem homens exemplares mas que não servem de exemplo, que ergue monumentos solitários sem eco arquitectónico nas cercanias, que faz revoluções que são sempre frustrações, que alimenta em cada filho a íntima sensação de uma orfandade social. (...) A pátria que é memória e acção. Que é comunhão quotidiana de presenças e ausências, sacramento que nunca figurou no nosso catecismo cívico. (*ibidem*: 201).

### **Problemática Religiosa**

Embora a obra de Torga nos pareça centrada no problema da oposição entre a relatividade humana e o Absoluto que assume várias designações ou conotações como destino, Deus, as circunstâncias, o escritor sonha com a divinização do Homem, ou seja, pô-lo em paralelo com Deus mediante a vontade humana. Apesar desta aparente arrogância, existe no autor, a consciência da inferioridade do Homem assim como a ânsia de Fé e de Graça. Ele sente a necessidade do transcendente porque isso vem de encontro às apetências recônditas do nosso subconsciente (*ibidem*: 111).

Tece várias considerações acerca do Catolicismo e de outros credos embora seja com aquele que mais se identifica pois, «É afinal, a única religião compatível com a minha natureza torrencial, terrosa, pecadora» (*ibidem*: 62). Todavia, põe a questão do Absoluto detentor da verdade a contrariar as tendências e vontade humanas:

Mas se a verdade nos faz infelizes? Se ela nos põe em desacordo com os sentidos, quando eles se rendem às forças que os

alegram? A Eros, que os excita, a Vénus que os concita, e a Baco que os embebeda? Os demónios do cristianismo existem: São os deuses pagãos. (*ibidem*: 171).

A ideia de escrever os contos reunidos na colectânea *Bichos*, 1940, surgiu enquanto o autor esteve preso na cadeia do Aljube em Lisboa, dando largas à sua imaginação. Esta incursão ao mundo dos irracionais estava de acordo com a sua sensibilidade relativamente à «infinita variedade de formas que o protoplasma era capaz» (Torga 1981: 22), assim como com a sua necessidade de integridade e sinceridade:

a verdade é que, embora a obedecer a uma necessidade intrínseca, nunca se atraíam intencionalmente a si próprios. (...) Mesmo quando domesticados, coagidos, portanto, a força corruptora não conseguia apagar de todos eles a pureza ingénita. (*ibidem*).

O protagonista do conto «Vicente» é um corvo que segundo a Bíblia, de onde é extraído o tema, é considerado uma ave impura. O negro das penas representa o pecado, a impureza. É a partir deste conto que a relação entre o homem e a divindade toma a forma de conflito, de desafio pois pelo facto de querer ser livre, desafiou Deus que teve de render-se perante a sua vontade inabalável. A liberdade que em Torga parece ser sinónimo de felicidade só se atinge através do confronto com o divino ou com os obstáculos que aquele representa. Deus em Torga tem afinidades com a ideia de Deus referida no Antigo Testamento. Um Deus ausente, o Deus do silêncio, da admoestação, do castigo, onipotente.

Ou se salvava Vicente e a terra onde firmava a sua garra, e o Senhor preservava a harmonia da criação, ou, submerso o último palmo de terra, morria Vicente, e com ele se quebrava o elo de uma cadeia imensa (...). Para todos, o destino da última fraga ligara-se ao destino do último sopro de vida. Porque ninguém mais dentro da Arca se sentia vivo. Sangue, respiração, terra de terra, era aquele corvo negro, molhado da cabeça aos pés, que sobre a última pedra desafiava Deus. (Torga 1970: 128, do conto "Vicente").

Se Vicente se liberta da Arca peca contra Deus mas, se não o faz peca contra si mesmo contrariando a sua tendência natural de liberdade.

O conto "Vicente" está baseado no mito diluviano do *Livro do Génesis*, no entanto Torga procede à sua distorção utilizando a anacronização. O texto bíblico refere que no décimo mês, no primeiro dia, apareceram os cumes dos montes e, nessa altura Noé

soltou um corvo que saiu, indo e voltando. Contudo, o corvo de Torga não é solto. Foge.

A insólita partida foi presenciada por grandes e pequenos num respeito calado e contido. Pasmados e deslumbrados, viram-no, de peito aberto, atravessar o primeiro muro de fogo com que Deus quis impedir a fuga. (...) Mas ninguém disse nada. (*ibidem*: 128).

Também no *Livro do Génesis*, o corvo é solto da Arca quando as águas estavam a baixar mas, no conto de Torga o corvo foge quando as águas pouco a pouco vão submergindo a terra,

As águas cresciam sempre, e o pequeno outeiro, de segundo a segundo, ia diminuindo. (...) Palmo a palmo, o cabeça fora devorado. Restava dele apenas o topo, sobre o qual, negro, sereno, único representante do que era raiz plantada no seu justo meio, impávido, permanecia Vicente. (*ibidem*: 132-133).

A vontade humana confronta-se então, com Deus e o destino que Este impôs pois, ao corvo nada mais lhe restava senão levar até às últimas consequências o seu acto e assumi-lo perante o Criador.

O autor que se identifica com o protagonista, «Aquele corvo, que eu quis concebido à imagem e semelhança da minha rebeldia» (Torga 1977: 92), adopta, perante as personagens do conto, uma posição onisciente. As criaturas da Arca, representam a consciência colectiva, exteriormente atemorizada, que tem como porta-voz Noé: «Ninguém o maltratou aqui. Foi a sua pura insubmissão que o levou» (Torga 1970: 130, do conto “Vicente”). Todavia, perante a rebeldia de Vicente, as criaturas da Arca transferiram para ele o seu anseio interior de liberdade imanente à sua própria natureza, assistindo angustiadas àquela luta desigual entre o corvo e Deus.

Vicente ao tomar a atitude de rebeldia sozinho desperta, no fundo, em cada criatura uma tendência adormecida principalmente mediante o seu heroísmo e coragem perante um Deus castigador que, só destruindo tudo o que havia no mundo, se purificava das ofensas dos homens, poupando apenas um modelo de cada espécie como que num gesto de misericórdia, de onipotência reveladora da Sua grandeza infinita. Todos assistiam atemorizados e simultaneamente orgulhosos àquele «duelo entre Vicente e Deus» (*ibidem*: 113). A um Deus irreduzível opunha-se um acto de liberdade inabalável, «Três vezes uma onda alta, num arranco de fim, lambem as garras do corvo, mas três vezes recuou» (*ibidem*: 134) até que,

se tornou evidente que o Senhor ia ceder. (...) Que, para salvar a sua própria obra, fechava, melancolicamente, as comportas do Céu. (*ibidem*)

Assim, Torga mostrou o poder da vontade, como origem de todos os valores, que faz parte e é imanente à nossa condição humana.

A problemática religiosa de Torga, pensamos que é, então, o reflexo de uma atitude de desafio, de conflito pessoal entre a ânsia de Fé e de Graça e do reconhecimento da necessidade de transcendência apesar de ser simultaneamente limitadora da liberdade ou de uma atitude de acusação a um Deus ausente e silencioso perante o sofrimento, o absurdo da doença, da adversidade, da morte e da própria vida ou seja, a solidão imensa da condição humana nos momentos cruciais, «Nascia-se sozinho, sofria-se sozinho, morria-se sozinho» (Torga 1981: 140).

### Sentimento Telúrico

A terra, a vida e o Homem são os três elementos mais importantes da obra de Torga. São eles que reunidos geram os ciclos da fertilidade, da reprodução e o ciclo da vida e da morte. A terra, para o autor, parece-nos primordial. É dela que retira a sua energia vital. A sua terra, S. Martinho de Anta, a Agarez do seu imaginário, foi sempre o seu lugar de recuperar energia, de buscar consolo quando das contrariedades, foi lugar de apoio nos momentos mais difíceis. Lugar de confidências e de sinceridade absoluta, está sempre presente na sua obra:

a terra nativa seria sempre um reduto matricial. (...) Encolhida num burel de fragas, tosca e humilde, ao revê-la apeteceu-me beijá-la (*ibidem*: 73)

ou

O nascimento faz muito. As graníticas fragas de S. Martinho de Anta certamente que estão sempre em cada acto que pratico (Torga 1977: 76),

tal como a província de Trás-os-Montes que é para o poeta uma fisiologia (*ibidem*: 146), ou o Douro, que identifica com um poema geológico (*ibidem*: 176), ou a província que considera o protoplasma da Pátria, por oposição à capital que relaciona com o efémero (*ibidem*: 188).

Mas não é só em relação a Trás-os-Montes que Torga nutre este tipo de sentimento. Quando da sua viagem a África, tem a

sensação de ver uma imensa placenta (*ibidem*: 35). Também ao descrever o deserto de Moçâmedes há como que uma personificação da natureza com a terra onnipotente:

um mundo seco, estéril, asséptico, esquecido dos homens que o semeavam, das raízes que o sugavam, da água que o refrescava. (...) A majestade da velha deusa Terra numa altivez olímpica, sem um resquício de amor maternal a trai-la numa lágrima, num sorriso, num gesto. A indiferença surda e muda, apenas ondulada aqui e além numa espécie de feminilidade perversa. (*ibidem*: 20).

Na sua obra é constantemente invocada a aliança entre o homem e a terra não apenas do seu País natal, de uma Pátria ou de um lugar. A terra de que fala Torga, é a Terra-Mãe de toda a vida humana.

### Discurso Sociológico

A definição de homem, em Miguel Torga, é a de um ser social cuja integração e relacionamento com os seus semelhantes se processa através da solidariedade, reciprocidade e respeito. No entanto, isto só é possível depois de uma coerência consigo próprio, com a sua consciência, do homem enquanto indivíduo pois, «só não se trai o semelhante quando não se trai a si próprio» (*ibidem*: 197). O respeito e solidariedade pelo outro são determinantes para a existência de liberdade, que considera um dom (*ibidem*: 49).

Torga era apologista de um socialismo de raiz anarquista (v. Torga 1981: 192) baseado no viver comunitário de entre-ajuda, de partilha à semelhança do tipo de vida livre e solidária de Rio de Onor e Castro Laboreiro (v. Torga 1977: 152). No entanto, embora refira uma ideologia política e tenha participado em alguns comícios após a Revolução de 25 de Abril de 1974 nunca pertenceu a nenhum partido político pois, para além de afirmar que estamos numa época caracterizada pelo fim das ideologias, refere igualmente que «não posso ter outro partido senão o da liberdade» (*ibidem*: 50) apreciando todos os que persistiam em ser «descomprometidos apóstolos» (*ibidem*: 197) daquele dom primordial.

Como afirma no prefácio de *Bichos*, Torga sempre quis ser um homem do seu tempo, acompanhar as mudanças de comportamento e valores mas, curiosamente não verificou

alegria nos rostos dos beneficiados. Cada vez pareciam mais tristes. Dispensados do esforço de lutar, de empreender, de

imaginar, da obrigação de assumir qualquer responsabilidade, vegetavam abulicamente. (Torga 1981: 139).

pois a liberdade não se institui, conquista-se na solidão individual e implica uma maturidade e amadurecimento por parte do indivíduo que constitui uma luta de uma vida interior.

Relativamente à Revolução de 25 de Abril de 1974, tece várias considerações importantes uma vez que foi o facto mais recente que modificou a forma de Portugal estar no mundo, no seu território nacional com todas as transformações de carácter político, social, económico, de princípios e valores não obstante, para o escritor, nós portugueses não soubemos estar à altura das situações, foi uma desilusão reveladora da mediocridade humana:

Sol de pouca dura. Passado o momento de euforia, a realidade voltou negra e desalentadora: As prisões encheram-se de novo, as ambições recalçadas vieram à tona, a mediocridade instalou-se, uma má consciência de efeitos retroactivos começou a roer-nos. (*ibidem*: 161).

Parecem-nos igualmente interessantes as suas alusões ao antigo Portugal Ultramarino, à guerra que singrava naquelas paragens, bem como ao processo de descolonização. Quando da sua visita a África, na gesta dos Descobrimentos, sofreu uma enorme desilusão, quer em Angola quer em Moçambique pela falta de humanidade, respeito pela diferença, pela perda do espírito Lusíada nas relações entre brancos e negros (*ibidem*: 167), chegando a sentir vergonha (*ibidem*: 169) e humilhação (v. Torga 1977: 23) por pertencer à raça dominadora. Alude aos massacres que iniciaram a guerra em Angola, em 1961, como uma barbárie e intolerabilidade que, todavia, comprovam que

com o tempo e o vagar dos séculos, não lhes soubemos comunicar outros valores que na guerra fossem tão invioláveis como a paz. Na sua exemplaridade trágica, os massacres foram o sinal eloquente da nossa falência civilizadora (*ibidem*: 36),

assim como a erros de colonização nomeadamente o de não termos sabido dar ao Africano consciência racional ou mesmo abrir-lhe o caminho para um aproveitamento real das potencialidades de uma terra como a sua. No seio de toda esta torpeza e desgraça Torga mostra-se maravilhado aquando da visita à Ilha de Moçambique, espelho do espírito ecuménico de Portugal (v. Torga 1981: 176). Como solução para o Império Colonial, que não soubemos construir na altura própria e que teimávamos em conservar (*ibidem*: 164), o autor propõe o entendimento e respeito

pela diferença e a transmissão de valores éticos pela via pragmática. Os problemas vividos em África e, também no Mundo, só seriam resolvidos «à luz franca e tónica das forças do espírito» (*ibidem*: 174). Relativamente ao processo de descolonização, iniciado antes da independência das nossas antigas colónias e que para Portugal foi um dos factores mais relevantes para as alterações do panorama social português, Torga condena-o pela forma como foi conduzido não só pelas consequências materiais como ainda pela convulsão espiritual provocada:

Que grandeza tinha o passado? Que significação tinha o presente? Que sentido tinha o futuro? Sem pontos de referência comuns, ninguém se reconhecia no espelho dos valores gregários. (*ibidem*: 191).

A obra de Miguel Torga encaminha-se assim para um humanismo dominante. O homem perante o absurdo do sofrimento, da morte, tem apenas como reduto de sobrevivência a esperança. A coerência do seu discurso sociológico está apoiada em dois valores: A liberdade e a esperança. Sendo a vida feita de frustrações e não conduzir a nada senão ao desespero e angústia, leva-nos à esperança. É este o sentido que lhe é dado pela liberdade.

Miguel Torga, homem cheio de contradições que levou uma vida ansiando pelo Absoluto, tendo apenas o relativo, profundamente religioso mas que «nunca pudera dobrar os joelhos diante de nenhum altar» (*ibidem*: 185), tímido e inseguro, movimentou-se pela vida de uma forma voluntariosa embora consciente do poder determinante do destino. Homem bem intencionado e sem dúvida de uma enorme coerência e fidelidade a si próprio lutou sempre por uma sociedade de valores fraternos regida pela liberdade tendo a Arte como fonte de inspiração, quase sublime, pela sua dimensão de eternidade. Acreditava na vitória final do homem livre agindo pela força da sua vontade mas certo da sua dignidade transcendente. No cômputo geral da sua vida a sua obra inacabada. Tanto por fazer e por dizer!

Algo que era o mistério da minha própria identidade e que nunca se deixara revelar nem no silêncio, nem no eco das palavras. Em vez da transparência almejada, deparava com a negrura de um enigma. (*ibidem*: 197-198).

Restou-lhe até ao fim a meditação.

## BIBLIOGRAFIA

- Guimarães (1969): Fernando Guimarães, *A Poesia da Presença e o Aparecimento do Neo-Realismo*, Porto, Editorial Inova.
- Lisboa (1980): Eugénio Lisboa, *Poesia Portuguesa: Do «Orpheu» ao Neo-Realismo*, Biblioteca Breve, Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.
- Lourenço (1974): Eduardo Lourenço, *Tempo e Poesia*, Porto, Editorial Inova.
- Magalhães Gonçalves (1995): Fernão de Magalhães Gonçalves, *Ser e Ler Miguel Torga*, Lisboa, Veja.
- Mourão-Ferreira (1979): David Mourão-Ferreira, *Portugal a Terra e o Homem – Antologia de Textos de escritores do séc. XX*, Lisboa, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nunes (1982): Teresa Arsénio Nunes, *Poesia da Presença*, Lisboa, Edições Seara Nova.
- Prado Coelho (1976): Jacinto do Prado Coelho, *Ao Contrário de Penélope*, Amadora, Livraria Bertrand.
- Rocha (1977): Clara Crabbé Rocha, *O Espaço Auto-biográfico em Miguel Torga*, Coimbra, Livraria Almedina.
- Torga (1970): Miguel Torga, *Bichos*, 7ª edição, Coimbra, Edição do Autor.
- Torga (1977): Miguel Torga, *Diário*, vol. XII, 2ª edição, Coimbra, Edição do Autor.
- Torga (1981): Miguel Torga, *O Sexto Dia da Criação do Mundo*, vol. V, Coimbra, Edição do Autor.

## Revistas e Periódicos

- Presença* = *Presença-Folha de Arte e Crítica*, nº 1, Coimbra, 10 de Março de 1927.
- JL* = *Jornal de Letras*, Ano XX, nº 793, Linda-a-Velha, 21 de Fevereiro a 6 de Março de 2001.